

A MINHA LUZ

(re)Pensar o *morrer com dignidade*

LUÍS FILIPE FERNANDES



Tecto de Nuvens

PREFÁCIO

Coube-me a alegria de poder apresentar este livro escrito pelo Luís Filipe Ribeiro Fernandes, meu estimado amigo. Nele o autor, há 35 anos enfermeiro de profissão, partilha connosco importantes reflexões acerca das questões ligadas à morte e à dignidade da pessoa humana.

Para os cristãos a vida humana é sagrada, porque o homem não é só mais um animal entre muitos, mas foi o único que Deus criou à Sua imagem e semelhança e ao qual Ele chama a uma vida eterna de comunhão Consigo. Esta verdade é o fundamento mais profundo daquilo a que chamamos dignidade da pessoa humana.

Nestas linhas entrelaçam-se reflexões de carácter teológico e ético com a rica experiência do autor no contacto com doentes terminais ou em grande sofrimento. A linguagem é acessível a todos, enérgica, interpelante e confirmada com frequentes citações bíblicas.

São bastante oportunas as distinções entre eutanásia, distanásia e ortotanásia, segundo as quais, a eutanásia se configura como uma acção ou omissão que se propõe causar a morte de um ser humano para por termo ao seu sofrimento, a distanásia é definida como aquele conjunto de esforços que visam prolongar a vida humana a “todo o custo” quando a morte se apresenta inevitável e, por fim, a ortotanásia, que é a correcta postura perante a morte, segundo a qual devemos aceitar a morte quando esta se apresenta inevitável, esforçando-nos por acompanhar o doente terminal com todos os cuidados necessários, não só a nível médico mas também humano e espiritual.

PREFÁCIO

“Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança” (Gn 1:26) – daqui nos vem a dignidade de pessoa. Não fomos criados ao acaso, só por ordem animal ou natural: **FOMOS FEITOS POR UM DEUS, À SUA IMAGEM!** Todos somos chamados à vida; é o primeiro dom de todos, o dom absoluto, raiz e pressuposto para uma história, com seus desafios, sonhos, limites e concretizações.

Também um dia seremos chamados “à sua imagem e semelhança” a passar pela Cruz e a morrer, como Ele morreu.

A morte entrou no mundo como consequência do pecado, pela rejeição da lei divina e assim passámos a ter dor e sofrimento. E é possível anular ou aliviar a dor e o sofrimento? **SIM É POSSÍVEL**, até na sua totalidade. Parte grande da origem do sofrimento está no abandono e solidão familiar e social. É pois uma das obras de Misericórdia visitar o doente (cfrMt 25:36), e consequentemente levar-lhe um bom conselho, consolá-lo na sua tristeza ou aflição, apoiá-lo com paciência, perdoar os seus erros e rezar por ele e com ele. Existe o eu em relação ao tu; nesta relação o homem se identifica e posiciona com o seu sentido único.

SIM, É POSSÍVEL ANULAR E VENCER O SOFRIMENTO!

Há quem não queira viver mais porque já não é reconhecido como “eu”, perdeu o “outro” e na quebra de relação perdeu o sentido da existência pois já não recebe e já não interpela.

A Minha Luz

Decidi escrever sobre o tema, morrer com dignidade, porque envolve diversas áreas das mais sensíveis da nossa vida, como os nossos sentimentos, dores, sofrimentos e as nossas respostas. Realidades com as quais lido diariamente por dever profissional, e por considerar que este é de facto, um direito de todos nós e que deve ser sempre motivo de reflexão da nossa parte. Contudo, este “direito à morte” não deve nunca designar o direito de se dar ou mandar provocar a morte como se quisesse, mas o direito de morrer com serenidade, na dignidade humana e cristã. Este livro pretende ensinar a viver com esperança, com dignidade e com alegria.

Escrevo, depois de ter sido confrontado com a possibilidade e inclusive com a facilidade com que aparentemente qualquer assunto, por mais absurdo que seja, neste caso a despenalização da eutanásia, possa vir a ser apresentado, discutido e aprovado em Assembleia Nacional. Sobretudo tratando-se de assuntos tão importantes como a vida e a sua defesa, que fazem parte dos nossos alicerces morais fundamentais. Alicerces em que se fundamentam as nossas sociedades europeias, quer gostemos, quer não. Mas, tal como depois da casa construída não mexemos mais nos alicerces, assim também deveríamos ter um extremo cuidado com tudo aquilo que fundamenta a nossa existência que deve, e bem, estar protegida e ao abrigo de todo o assalto para que essa mesma casa não caia.

“O Senhor é a minha rocha, fortaleza e protecção; o meu Deus é o abrigo em que me refugio, o meu escudo, o meu baluarte de defesa” (Sl 18:3)

Escrevo sobre este assunto alicerçado sobretudo na minha experiência como profissional de saúde onde nunca, em 35 anos de serviço, um doente ou familiares de doentes manifestaram o desejo de recorrer a tais práticas, tendo trabalhado como enfermeiro em serviços de internamento tão sensíveis quanto as unidades de cuidados intensivos, dando tanto quanto possível as razões pelas quais eu não poderia colaborar com estes processos e por isso serei objector de consciência.

Trata-se, por isso, do testemunho de alguém que vive todos os dias o drama da dor, do sofrimento e da morte, procurando dar a conhecer a realidade vivida pelos profissionais de saúde, nomeadamente os enfermeiros, no que diz respeito a estes problemas, assim como aqueles que se virão adicionar e suas implicações, caso algum dia esta lei venha a ser aprovada em Portugal, nomeadamente no que à objecção de consciência diz respeito, entre outros. Lembrar também que os profissionais de saúde lidam com seres humanos na sua totalidade, numa perspectiva holística e humanista e não com “coisas” descartáveis ou números.

Tomando por base o que se sabe, o que foi dito e escrito sobre estes assuntos por pessoas bem mais capacitadas do que eu, pretendo mesmo assim tentar trazer - A Minha Luz - sobre estes mesmos assuntos; alicerçado na Palavra de Deus, nas recomendações, na tradição e no Catecismo da Igreja Católica em que acredito, que nos garantem confiança e toda a verdade.

“Animados do mesmo espírito de fé, conforme o que está escrito: Acreditei e por isso falei, também nós acreditamos e por isso falamos,” (2 Cor 4:13).

Por Jesus Cristo, em quem acredito e tenho a obrigação de dar a conhecer.

“Ora, como hão-de invocar aquele em quem não acreditaram? E como hão-de acreditar naquele de quem não ouviram falar? E como hão-de ouvir falar, sem alguém que o anuncie?” (Rm 10:13)

Este livro não é contra ninguém nem condena ninguém, pretende apenas humildemente ajudar a formar, fundamentar e consolidar a consciência cristã, tão atacada e denegrida nos dias de hoje. Para que as coisas não fiquem como estão, ou se tornem ainda piores para nós. É um livro escrito para todos, não só para os católicos que, como eu, constantemente dão mau exemplo e mau testemunho de fé, pelas nossas fraquezas, infidelidades, ignorância e falta de coragem sempre presentes, e isto tanto nos que praticam, como nos que não praticam. Num debate de ideias e não num combate contra os outros. Neste sentido, pretende ajudar a reconciliar com a Igreja, com Deus e com os outros.

“Porque não é contra os seres humanos que temos de lutar, mas contra os Principados, as Autoridades, os Dominadores deste mundo de trevas, e contra os espíritos do mal que estão nos céus.” (Ef 6:12)

E, mais importante do que tudo, **falar-te ao coração** e acreditar que depois de leres este livro não deixarás que toquem nos teus alicerces fundamentais e que não te deixarás seduzir pelas propostas que este mundo actual propõe.

“Não vos acomodeis a este mundo. Pelo contrário, deixai-vos transformar, adquirindo uma nova mentalidade, para poderdes discernir qual é a vontade de Deus: o que é bom, o que lhe é agradável, o que é perfeito.” (Rm 12:2)